

As lágrimas do Menino Jesus: entre a doutrina e a poesia

Na trajectória das devoções, ocupou desde sempre um interesse central, embora diversamente modalizado em termos de práticas e de metas espirituais, a devoção ao Menino Jesus. Os "evangelhos da infância" indiciam desde logo essa vitalidade da figura do Deus Menino, em torno da qual, logo nos primeiros séculos do cristianismo, a curiosidade dos crentes construiu múltiplas narrativas que o cânone da Igreja, entretanto, considerou apócrifas.

Ao longo dos séculos, diversas correntes espirituais - onde o franciscanismo toma sem dúvida a parte de leão - reabilitaram, em maior ou menor grau, a projecção do Menino Jesus nos rituais devocionários. A substituição da imagem do Deus Juiz pela do Menino ternurento teve, com o franciscanismo, uma enorme projecção sobre a piedade popular, pelo descentramento operado, quer em relação à imagem de um Deus austero, quer em relação a uma piedade que se alimentara vários séculos de uma vida espiritual centrada na cruz e que se via deste modo calibrada, numa tensão salutar, pela maior acessibilidade do presépio.

Nem sempre, contudo, a importância do presépio se reduziu a este papel de suavizar ou amenizar a vida espiritual relativamente ao espectro dramático e, às vezes, aterrorizador de um Deus longínquo, que as configurações do Menino tornaram mais próximo, mais humano e, conseqüentemente, de mais fácil acercamento por parte dos fiéis. O século XVII - digamo-lo, assim, em termos gerais- por exemplo, viu renovado este filão da devoção ao Menino Jesus, mas assumindo, por vezes, configurações algo diversas, onde teve um papel fortemente condicionador, por exemplo, em França, a acção do Cardeal Bérulle, para quem o presépio não devia emanar apenas imagens afectivas. Apesar da emotividade e afectividade com que meditava os mistérios, a consideração do presépio requeria, para Bérulle, uma visão exigente, destinada a tornar sensível aos cristãos que a contemplação da amável figura do Menino escondia um sentido "forte" e "severo".¹

¹ Veja-se o que diz Henri BREMOND, *Histoire Littéraire du Sentiment Religieux en France*, vol. III, Paris, 1967, 202-211.

A generalidade da literatura de espiritualidade e a poesia religiosa em particular não puderam deixar de ser simultaneamente reflexo e motor desta problemática. Sabe-se o sucesso que a recriação do presépio em Greccio viria a atingir na espiritualidade europeia, traduzindo-se em incontáveis multiplicações pictóricas e literárias, que alimentaram desde então a piedade dos fiéis. A mensagem evangélica encontrou, através da figura do Menino, um escoamento mais fácil, e a mediação do Filho atinge cada vez maior consistência junto da espiritualidade popular. Ao mesmo tempo, ela vai permitindo também aos fiéis um mais fácil acercamento da compreensão do extremamente complexo mistério da Encarnação e da mensagem que ele encerra. Assim se explica, por exemplo, a recursividade poética, verificada na generalidade da poesia peninsular da Natividade, do par dicotómico *cielo/suelo*, particularmente feliz no modo como, através do apoio de rima, sintetiza a aproximação do divino e do humano.

As duas grandes linhas cristológicas encontravam-se pois lançadas desde finais do século XIII: o caminho da cruz, com especial relevância dada aos rituais da paixão - de inequívoca preferência na vida espiritual -, e o caminho da afectividade, suscitado pela exploração das cenas da Natividade, que todavia conhecerá uma lenta trajectória, até conseguir afirmar-se com consistência no quotidiano de oração e da devoção dos fiéis.² São, no fundo, os dois mistérios centrais da fé que nelas se encontram implicados e que, ora em regime de alternância, ora em regime de simultaneidade, alimentarão e ocuparão a piedade dos fiéis.

Apesar de constituir torrente quase inesgotável, o filão poético desenvolvido, sobretudo a partir do século XV, à volta da inspiração do presépio³ (Mário Martins inventariou alguns dos casos mais significativos e modelares dessa tradição⁴), é possível - e mesmo necessário - tentar sistematizar o seu *corpus*, e ensaiar critérios classificativos, em torno de núcleos temáticos, influências, ciclos, circunstâncias, modalidades poéticas e discursivas, etc, detectando constantes e variáveis. Nesse sentido, o rastreio do motivo das lágrimas do Menino Jesus - um motivo aparentemente muito específico, mas de maior fortuna do que o que se suspeita - e da sua intencionalidade poética e doutrinal poderá, embora modestamente,

² Veja-se L. MALDONADO, *Genesis del Catolicismo Popular. El Inconsciente Colectivo de un proceso histórico*, Madrid, 1979.

³ Ao longo destas páginas, o tema das lágrimas do Menino Jesus aparece vinculado ao contexto do presépio. Tal articulação deve-se à constatação de que as representações do Menino Jesus choroso, pelo menos nos casos que conseguimos registar, ocorrem num contexto de adoração de pastores, ciganas ou reis. Não se trata, nestes casos, de imagens isoladas do Menino Jesus, mas do Menino na lapa de Belém, a quem se presta adoração, no âmbito, talvez, da verdadeira explosão das cenas do presépio, que ocorre no século XVII, entre nós mais para a segunda metade do século.

⁴ Mário MARTINS, *Natal Franciscano*, in *Brotéria*, vol. 44, nº6 (1947), 565-580.

contribuir para evidenciar e individualizar um determinado tipo de poesia da Natividade, introduzindo um critério classificativo temático e retórico-estilístico.

Efectivamente, na generalidade da literatura religiosa de seiscentos e de setecentos, repassa, com certa regularidade, a temática das lágrimas do Menino Jesus, tema que recorre abundantemente na poesia natalícia, configurado geral e preferentemente no molde poético do vilancico, embora se registre a sua ocorrência em géneros literários de maior dignidade.

Ao tomar-se como eixo dominante da reflexão o motivo poético em torno das lágrimas do Menino Jesus, será forçoso recorrer à panorâmica geral da literatura portuguesa, para delimitar extensões, precisar conteúdos, calibrar influências e apreciar a movimentação deste tema, ao longo dos séculos XVII e XVIII.

Não estaremos a ser originais, ao reconhecermos o interesse que uma abordagem peninsular traria a esta perspectiva. Para o justificar - e apenas para isso - trazer-se-á à colação alguns exemplos destas manifestações em Espanha, aguardando altura para uma compreensão mais alargada deste fenómeno, integrando-o na sua extensão ibérica.

O ciclo do Nascimento, onde se integra a poesia que toma como referência a figuração do Menino Jesus choroso, ocupa uma posição privilegiada nos rituais litúrgicos e festivos da vida religiosa do século XVII - registando particular pujança nos conventos femininos -, índice da crescente prática de devoção à infância e à humanidade de Cristo, de larga repercussão na vida espiritual de leigos e de religiosos⁵.

⁵ A reedição das místicas medievais (Santa Gertrudes, Santa Matilde, Santa Ângela de Foligno...) a partir de finais do século XVI poderá ter tido um peso assinalável no devocionário ao Menino Jesus. Através da reedição da obra de Santa Gertrudes, por exemplo, é provável que algumas práticas de fervor em torno da imagem do Deus Menino tenham condicionado a preferência cada vez maior nos séculos XVII e XVIII pela área da infância do Menino. Sobre a recepção da obra desta santa em Espanha, no século XVII, veja-se a fundamental obra de referência de José Adriano de CARVALHO, *Gertrudes de Helfta e Espanha - contribuição para estudo da história da espiritualidade peninsular nos séculos XVI e XVII*, Porto, 1981.

Paralelamente, os hagiólogos difundiam modelos de santidade que, nalguns casos, passavam por uma particular ou privilegiada intimidade com o Menino Jesus. Veja-se por exemplo o caso da santa dominicana Inês de Montepulciano, que, "em hua noyte da Assumpção da Rainha do Ceo", esta, "apparecendo-lhe cõ o amado Filho nos braços, encheo de tanta doçura a alma desta Santa, que não podendo reconcentra no peyto, cahio sem sentidos por terra. Chegou-se a ella a benignissima Rainha, & tocandolhe com a mão, lhe infundio celestial vigor, & lhe mādou que se levantasse. Obedeeo Inez; & posta de joelhos diante da Soberana Princeza, recebeo nos braços o Menino. Vendose com tam precioza dadiva, a poz por joya do peyto, apertou-o com taes affectos, que parecia outro Simeão nas supplicas". (cf. *Vida da amada Esposa de Christo S. Inez do Montepulciano*, tirada de Bzovio, Razzi, Castilho, & outros, in *Agiologio Dominico, Vidas dos Santos, Beatos, Martyres, e Outras Pessoas Veneraveis da Ordem dos Pregadores por todos os dias do anno*. Traduzidos, e Acrescentados pelo Padre Fr. Manuel de Lima da mesma Ordem.

Até finais da Idade Média, a devoção cristã, talvez pela permanente experiência da morte sentida pelos fiéis, centralizou as suas preferências no mistério de Cristo na cruz. Até aproximadamente ao século XV, o cristianismo encarava a graça de Deus como resultante do Calvário e comprazia-se numa devoção trágica, mesmo quando passou a acentuar, a partir de S. Bernardo, o lado humano da paixão de Cristo, que, até sensivelmente ao século X, havia sido interpretada como uma teofania.⁶ Apesar de alguns marcos importantes que começaram a delinear rumos espirituais de devoção ao Menino Jesus e de rituais menos dramáticos na devoção à humanidade do Cristo (S. Francisco, S. Boaventura), surge ainda, em finais da Idade Média, a prática de um itinerário individual e interiorizado da *via crucis*, que pouco a pouco, a partir de finais do século XIV, vai substituindo a prática exterior das peregrinações a Jerusalém, mas prolonga ainda a atenção centrada e focalizada no mistério da Paixão⁷.

É pelos finais do século XV - repita-se, apesar das manifestações pontuais que, havia vários séculos, iniciaram o estímulo e o itinerário da devoção ao Menino Jesus⁸ - que esta civilização experimenta uma atracção por devoções menos trágicas, mais brandas e de expressão mais carinhosa. A humanidade de Cristo é perspectivada com maior doçura, dando lugar à expansão da devoção ao Menino Jesus, ao coração de Jesus e à preocupação de escrever para a glorificação do nome de Jesus.⁹

No campo da arte, a diversificação das imagens do Menino Jesus foi um fenómeno resultante da Contra-Reforma e especialmente marcante na piedade portuguesa a partir do século XVII. É sabido que, especialmente nos séculos XVII e XVIII, a sensibilidade monástica feminina lhes foi especialmente propícia ("por sentimentos peculiares ao seu sexo", como

Tomo Segundo, que contem Abril, Mayo, & Junho, Lisboa, Oficina de António Pedrozo Galram, 1710, 95.

⁶ Veja-se E. DELARUELLE, *L'Influence De Saint François D'Assise Sur La Piété Populaire*, in *Relazioni Del X Congresso Internazionale Di Scienze Storiche. Storia Del Medioevo*, vol III, Firenze, 449-466.

⁷ A recordação das *estações*, organizada colectivamente, incitava os fiéis à Imitação de Cristo (e a bem morrer como Cristo, como propunham as inúmeras artes de bem morrer, tão intensamente divulgadas na altura). Tal estratégia funcionava como uma substituição da visita aos lugares santos, que deixa de ser feita *in loco*, para ser revisitada pelo empenhamento da mente e do coração. Veja-se L. MALDONADO, *Genesis del Catolicismo ...*, 130.

⁸ No século XIII, por exemplo, a fervorosa devoção de santa Gertrudes ao Menino Jesus constitui um caso modelar destes "picos" assistemáticos da devoção ao Menino, ao longo da Idade Média.

⁹ No século XVII, a carmelita de Beaume, Margarida do Santíssimo Sacramento, cria a Confraria do Menino Jesus, sob o impulso e orientação dos oratorianos, bastante devotos dos "mistérios da Infância". Por toda a parte, surgem confrarias dedicadas ao Menino Jesus (cf. Henri BREMOND, *Hist. Litt. Sentiment Religieux ...*, vol. III, 209-212).

propõe Flávio Gonçalves¹⁰), realimentada positivamente pelo tecido narrativo da documentação de carácter hagiográfico que, na altura, circulava abundantemente e onde eram atribuídos variadíssimos milagres à influência de determinadas imagens do Menino Jesus. Em tempos de intertextualidade exoliterária, seria de esperar que alguns poemas que nos chegaram até hoje pudessem ter resultado da contemplação de imagens ou representações do Menino Jesus choroso. Infelizmente, tal diálogo não é facilmente documentável, pois a documentação é escassa, mas a probabilidade de terem existido tais figurações na escultura e na iconografia da infância para uso privado é, no mínimo, de considerar.¹¹ Dada a variedade de Meninos de todo o jeito e feição, que a imaginação conventual desenvolveu até à exaustão e à bizarria, e que pulularam nas igrejas e conventos desse século, é provável ou natural que alguma parte desta poesia às lágrimas do Menino Jesus jorrasse da contemplação artística.¹²

No domínio das manifestações estéticas e espirituais, estamos habituados a que as lágrimas traduzam o arrependimento ou a compunção do pecador. Mas como entender as lágrimas do Filho de Deus?

Onde situar a origem ou, pelo menos, onde fixar um momento histórico que possa ter contribuído para a difusão e importância do motivo poético das lágrimas, aplicado especificamente à figura do Menino Jesus? E como explicar a privilegiada atenção que lhe é dada na poesia dos ciclos natalícios, no século XVII? E que sentido terá tido?

Nos textos sagrados, apenas dois relatos registam lágrimas vertidas por Cristo - e ambas as vezes na idade madura: na morte de Lázaro e sobre Jerusalém. S. Paulo sugere ainda uma terceira vez (Heb 5,7), na agonia do horto das Oliveiras. Mas, de qualquer modo, em nenhum momento dos evangelhos da infância perpassa a referência ao choro do Menino Jesus. Enquanto as lágrimas de figuras bíblicas como as de David, Maria Madalena, S. Pedro, etc., radicam em matriz evangélica a sua incursão por

¹⁰ Flávio GONÇALVES, *O vestuário Mundano De Algumas Imagens Do Menino Jesus*. Separata da *Revista de Etnografia*, nº 17, 1968, 10.

¹¹ No seu trabalho *Contenidos emblemáticos de la iconografía del "Niño de Pasión" en la cultura del Barroco*, in *Actas Del I Simposio Internacional De Emblemática - Teruel*, 1 y 2 de Octubre de 1991, Teruel, 1994, 685-718, Juan Antonio SÁNCHEZ LÓPEZ reproduz uma madeira policromada, da abadia de Sacromonte, em Granada, atribuída a José de Mora, intitulada "Niño de Pasión", e onde se podem ver lágrimas redondas, escorrendo pelas faces do Menino Jesus. É natural que imagens destas também existissem no ambiente monástico feminino português.

¹² Basta ver a recente publicação de Luís de Moura SOBRAL, *Pintura e Poesia na Época Barroca*, Lisboa, 1994, que reuniu o conjunto de poemas feitos pela Academia dos Singulares em homenagem a Bento Coelho da Silveira, tomando como matriz e inspiração os quadros religiosos do pintor. Veja-se ainda o trabalho de SÁNCHEZ LÓPEZ, acima citado, que reuniu alguma iconografia do Menino da Paixão.

territórios poéticos e espirituais, nada de concreto existe a esse nível, quanto ao choro do Menino Jesus.

Sendo as lágrimas um fenómeno de natureza fisiológica e ou psicológica, elas constituem uma linguagem que, em certas alturas, adquire uma dimensão colectiva, simultaneamente psicológica e moral. O século XVII, marcado pela multiformidade dos processos de exteriorização dos sentimentos e emoções, atribuiu-lhes uma projecção inusitada, enraizada em metodologias espirituais que situavam a fonte das lágrimas na alma e não no corpo, como resultado da intensificação da relação com Deus.

Efectivamente, alguns manuais de espiritualidade desta época parecem empenhados em demonstrar a utilidade das lágrimas e em desfazer a ideia, tão divulgada pelas correntes estóicas a que o humanismo renascentista dera novo vigor (veja-se Séneca), de que a manifestação das lágrimas constituía uma fraqueza. O direito às lágrimas e a sua defesa, numa altura em que a vida religiosa recupera, como se disse, uma dimensão fortemente emotiva (progressivamente amadurecida e sedimentada ao longo de séculos), parece ter pautado o universo de preocupações de alguns autores, que tomam como paradigma desta manifestação o Menino Jesus¹³.

Note-se no entanto que, mesmo nos momentos de inclinação ao culto do Menino Jesus e simultaneamente a uma devoção que se revestiu por vezes de desenvolvimentos délico-doces e emotivamente afectados, a piedade cristã sempre se comprazeu a projectar sobre o nascimento e a infância de Jesus, a imagem da cruz e da paixão¹⁴. Nascimento e paixão conhecem deste modo um entrelaçamento destinado a suscitar a emoção do coração e a comoção dos fiéis, pelo contraste entre a inocência e fragilidade do Menino e a crueldade do martírio a que estava destinado. Desta contraposição sai ressaltada a ideia de sacrificio, de oferta de Deus, cujos desenvolvimentos catequéticos marcaram, como se sabe, o fervor do século XVII.¹⁵

É dos Padres da Igreja, primeiramente, e, progressivamente, dos teólogos medievais, que emana a ideia da multiplicação e desdobramento das

¹³ Alguns desses autores constituem um campo de abordagem e de confronto privilegiado ao longo destas páginas. Refêri-los-emos oportunamente.

¹⁴ Na arte pictórica, a representação de manchas de sangue, bagos de uva, etc., constituem algumas das formas mais suaves e discretas dessa projecção da paixão sobre o nascimento (cf. Louis RÉAU, *Iconographie de l'art chrétien*, Tome Second - *Iconographie de la Bible*, vol. II - Nouveau Testament, Paris, 1957).

¹⁵ A título de exemplo, vejam-se as palavras do dominicano Pedro CALVO, *Defensao Das Lagrimas Dos Justos E Das sagradas Religioens Frvto Das Lagrimas De Christo*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1618, 73: "E pera que nos provoquemos as lágrimas, e excitemos a devoção da paixão de Cristo nosso Senhor não nos caia d'alma este pensamento, que podemos dizer que desde o primeiro instante que encarnou, até o em que morreu esteve pregado, e pendurado na cruz"

lágrimas de Jesus, reportando-as também à sua infância, concretamente ao seu nascimento. Santo Ambrósio, S. Jerónimo, Santo Agostinho, S. Bernardo, S. Boaventura, S. Leão Magno, S. João Crisóstomo são algumas referências indispensáveis para situar a eclosão desta temática na espiritualidade europeia. São estes também os autores que respaldam a revitalização deste motivo nos manuais de espiritualidade de seiscentos e setecentos e cujas citações entertecem a malha discursiva dessas obras¹⁶.

É nosso interesse fundamental o rastreio e fortuna desta temática na generalidade da poesia portuguesa de seiscentos e setecentos. Não é todavia possível abstrair a produção literária em geral e, sobretudo, a produção literária religiosa e de autoria religiosa da estreita cumplicidade com as linhas de espiritualidade da época, de que esta poesia constantemente se alimentou, que a explicam e que ajudam a clarificar a sua funcionalidade. Para estas áreas da literatura portuguesa, interessa compreender aquilo que releva de um discurso individual, mas que, simultaneamente, se inscreve no discurso colectivo, como testemunho do diálogo entre discurso poético e discurso cultural.

Assim sendo, e porque o nosso campo de amostragem desta temática das lágrimas do Menino Jesus se estende desde finais do século XVI - altura em que este motivo começa a desenhar-se com maior intensidade - e se prolonga pelo século XVIII adiante, sobretudo através das inúmeras colecções de vilancicos cantados por alturas das matinas de Natal e de Reis e que foram largamente editados logo após a sua actuação, julgou-se necessário e pertinente esboçar o contraponto doutrinário destes textos, para o mesmo espaço de tempo.

Seleccionaram-se assim três manuais de espiritualidade e vida religiosa (de presença documentável em bibliotecas da época) que, por serem obras suficientemente destacadas no tempo, permitem consolidar a nossa hipótese de que o motivo das lágrimas do Menino Jesus constitui de algum modo um pólo unificador e de confirmada permanência no universo espiritual de seiscentos e setecentos, que veremos reflectido no universo poético-religioso da época.

As obras escolhidas são a *Defensão das Lágrimas* do dominicano Frei Pedro Calvo, editada em Lisboa em 1618, a *Arte de Orar* do jesuíta Diogo Monteiro, editada em Coimbra em 1630 e a *Escola de Belém*, do jesuíta Alexandre de Gusmão, editada em Évora em 1735. Trata-se de textos que frequentemente chamaremos à colação, para confirmar a tese da intertextualidade acima proposta.

¹⁶ Veja-se Pedro CALVO, *Defensao Das Lagrimas dos Justos...*

O rastreio desta temática não tem, obviamente, qualquer pretensão de exaustão. Trata-se apenas de uma aproximação ao tema das lágrimas do Menino Jesus, cuja fortuna se revelou bem mais ampla do que de início supuseramos. Limitámos a nossa pesquisa à projecção poética do tema, compaginada com a sua proliferação nos manuais de espiritualidade da época. Haverá que fazê-la também para a sermonária da altura, onde a mesma temática também sobressai.¹⁷

Foi já dito que, na generalidade da poesia natalícia deste período, o vilancico foi o género que mais amplamente ilustrou o motivo das lágrimas do Menino Jesus, embora este ocorra também em chasonetas, motes e glosas e até em estrofes de um poema em oitava rima dedicado à infância de Cristo. Esta abundante recursividade - extraordinariamente maior nos vilancicos, como se disse - apresenta, no entanto, matizes de sentido suficientemente diferenciados, que permitem concluir que os conteúdos semânticos de tal temática, bem como a sua funcionalidade doutrinal, apresentam variáveis que é necessário apreender e clarificar. Tentaremos esboçar um ensaio de inventariação e apreciação dessa diversidade de sentidos.

Em algumas poesias, o motivo do choro parece constituir mais simplesmente um mero ritual de figuração do Menino Jesus, sem permitir ilações mais consistentes, para além de funcionar para o leitor como um índice da natureza recorrente e usual que subjaz a tal representação do Menino.¹⁸

¹⁷ Veja-se por exemplo, o Padre Francisco de MENDONÇA, s.j., *Primeira Parte Dos Sermoens do P. Francisco de Mendoza Da Companhia de Jesu (...)*, Lisboa, Mathias Rodrigues, 1632, *Sermão Primeiro do Nascimento de Christo N. Salvador* [Évora, 1611]: "Aly temos a Deos em h-ua lapinha, a Deos pobre, a Deos em h-uas palhinhas, a Deos entre brutos animaes, a Deos sem fallar, a Deos chorando mil lagrimas. O que humildade esta!..." (p. 63)... "A esta humildade ajuntai outra, que se este diuino Menino, a nosso parecer, não sabe fallar, contudo sabe muito bem chorar"... "Mas chorai Senhor, chorai à vista de todo o mundo, porque essas vossas lagrimas são pedras preciosas, que por resgate do m-udo se haõ de dar: bem he que todos as vejaõ..." (p. 65); "Minhas lagrimas são medicinaes, quero chorar, pera que possa dellas repartir com todos, & a ninguem, de quantos vierem aquelle meu Conuento, [do Menino Jesus de Évora] falte remedio..." (p. 67). *Sermão Segundo do Nascimento de Christo N. Salvador* - [Évora, 1615]: "Vltimam~ete ponhamos os olhos naquelle Menino, & vejamos se por ventura, está triste ou contente(...) Resplandecerá, estará aquelle rosto diuino do Menino Iesv, tam limpo de toda a nuuem de tristeza que antes parecerá um Sol do meyo dia resplandecentissimo. Nem no hão de escurecer, nem entristecer as lagrimas, que dos olhos lhe correm em fio: antes como orualho da manhã enuestido em os rayos do sol: assi as lagrimas dos olhos, enuestidas em os rayos do rosto, parecerão h-uas perolas... O que rosto tam bello, & tam diuino! Como direi isto, orualhado de lagrimas ou semeado de perolas? Tudo isso he..." (p. 73)

¹⁸ É o caso de alguns vilancicos de Soror Violante do Céu. Veja-se, por exemplo, o excerto que a seguir transcrevemos:

Mas dime, S Segunda,
Que es esta gloria, que pena,

Embora evidenciando aspectos diferenciados que particularizam alguns eixos semânticos que em devida altura salientaremos, pode afirmar-se que as lágrimas do Menino Jesus, no discurso poético desta época, apresentam fundamentalmente duas direcções semânticas e teológicas dominantes: elas são a manifestação da verdadeira humanidade de Cristo, mas são também e sobretudo, na maior parte dos poemas, as lágrimas da redenção, as lágrimas do crucificado, que apelam à conversão de cada homem.

O primeiro destes eixos semânticos, que ocorre, como se disse, em menor escala, encara o choro do Menino Jesus como uma manifestação da sua humanidade frágil e indefesa, vencida pelo frio. Assim, o choro constitui um mecanismo de explicitação da essência de um Deus que, sendo verdadeiro Deus, foi verdadeiro homem. Tais linhas ideológicas ressaltam, logo desde o século XVI, das "Chansonetas ao Nascimento de Nosso Senhor" de Frei Agostinho da Cruz.

Choraes, meu Jesu,
de fio tremeis.
Quem vio a Deos nu,
pobre o Rei dos Reis!

Ó rica pobreza!
ó falta abundante!
ó alta baixeza!
ó divino amante!¹⁹

As lágrimas acentuam, neste contexto, a humildade e pobreza do Menino, como lição a extrair e, paralelamente, frisam a real humanidade de

Que es esta riza, que lloa,
Que es este fuego, que tembla?

(in Violante do CÉU, *Parnaso Lusitano de Divinos, e Humanos Versos*. Dois Tomos, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1733, 398.)

Embora a obra só seja editada em 1733, é de notar que se trata de um acervo de composições produzidas por meados do século XVII.

Ainda outro exemplo, recolhido de vilancicos seiscentistas:

Estas vuestras lagrimillas,
que descurren las mejillas,
por sembrarles maravillas,
dejan surcos de cristal.

(in Darcy DAMASCENO, *Vilancicos Seiscentistas*, Rio de Janeiro, 1970, 161)

¹⁹ Frei Agostinho da CRUZ, *Obras de Frei Agostinho da Cruz*. Conforme a edição impressa de 1771 e os Códices manuscritos das Bibliotecas de Coimbra, Porto e Évora. Com prefácio e notas de Mendes dos Remédios, Coimbra, 1918, 362.

Deus, que experimenta as sensações físicas dos homens e as suas contingências. É um vector que marcará outros poetas, nomeadamente Violante do Céu e outros autores de vilancicos:

Este amante divino,
Que está nas palhas,
Ay Jesus, que penando,
Sentindo, chorando
Namora as almas.

(Violante do Céu - *Parn. Lusit.*, p. 471)

Niño que lloras al frío
y das por rescate mío
las perlas, en que confío,
si aquese divino llanto
vale tanto,
que en una perla te das,
sí haya más, y asi me redimirás.

(in *Vil. Seisc.*, pp. 140-141)

Oh que linda valentia
Nos muestra en esta ocasion,
Pues llorando, como niño,
Dá gusto a quien le venció!

(Violante do Céu - *Parn. Lusit.*, p.

471)

Veremos que é possível sobrepor esta dupla funcionalidade semântica das lágrimas do Menino Jesus no discurso poético dos séculos XVII e XVIII ao discurso dos manuais de espiritualidade seu contemporâneo. Na *Arte de Orar*, editada em 1630, o Padre Diogo Monteiro²⁰ frisa ambos os aspectos, nas glosas às meditações propostas nos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio, onde o homem pecador se dirige ao Menino Jesus nestes termos:

"Lá me leuais os olhos ò minino Iesu, nacido em hua pedra dura, chorando, & tremendo de frio; Deos, & homem verdadeiro entre brutos ao vento, de tudo falto, & desamparado, sò de penas (por amor dos homens) rico" (p. 192 v.).

²⁰ Diogo MONTEIRO, *Arte de Orar*, Coimbra, Diogo Gomes Loureiro, 1630.

"(...) Mas entretanto, tendo em vòs tudo, em mim achais falta de tudo; morreis de frio, estais em lapa desabrigada, & fria; pobre, chorando a puro desamparo em hum presepio" (p. 193).

" Que ays, & choros são os que eu ouço de minino tenro, & nouo, que em manhã tão aspera, & fria, lastimosamente está chorando?" (p. 261)

Simultaneamente e também com muito mais fôlego e recorrência, associam-se na obra deste jesuíta, as lágrimas do Menino à sua missão redentora e atribui-se-lhes a função de iniciar, pela compunção, o processo de conversão do homem que as contempla:

"(...) Não sabeis mais que chorar, & soluçar com ays arrancados de vosso tenro peito? Por quem chorais minino, são por ventura saudades dos homes, que vindes buscar." (p. 193 v.)

"(...) Em fim pecadores não arreceeis, nestas duas fontes, que de contínuo estaõ manando dos olhos do minino, vos lauareis, & ficareis mais aluos, & puros, que a neve. O filho meu de minha alma, não choreis, que ja pastores se abalaõ pera vos visitar, pois a homes buscais, com elles vos alegrai, pera eu ter alegria, & consolaçaõ, pois em quanto chorais, eu não posso deixar de acompanhar com minhas lagrimas as vossas" (p. 193 v.).

E nas "Palavras interiores que diz o minino Iesu no presepio" continua a amplificação desta tónica da conversão e da salvação:

" Acodi a mim, que assi pobre vos enriquecerei, choroso, vos alegrarei; fraco, vos defenderei; mortal, vos farei immortaes; (...) minhas lagrimas vos ensinaraõ penitencia" (p. 194).

Esta dinâmica espiritual subjacente às lágrimas do Menino Jesus - que encerra uma metodologia de oração e que constitui uma estratégia para o encontro homem-Deus - repassa, com uma frequência assinalável (que está na génese deste trabalho) na poesia religiosa dos séculos XVII e XVIII, apontando-lhe caminhos e definindo orientações. As lágrimas do Menino Jesus definem, para esta poesia, um recorte claramente emotivo, consolidado numa linguagem de cariz afectivo e, algumas vezes, extraída do foro psicológico, como se pode confirmar nos frequentes extractos que acompanham estas linhas. Estes alicerces poéticos permitem uma adequação

entre a funcionalidade poético-emotiva do tema das lágrimas e uma funcionalidade didáctica e espiritual, que pensamos estar subjacente à maioria destes poemas. Não esqueçamos que a maior parte dos textos poéticos ao Nascimento, onde este motivo ocorre, tem como autores padres ou religiosas.²¹

A natureza do discurso poético e, sobretudo, o metro curto utilizado nas composições onde as lágrimas constituem motivo poético dominante são aspectos que não permitem, naturalmente, uma grande amplificação do tema ou exposições teológicas detalhadas e encadeadas que marcam a prosa espiritual da época. Salvaguardadas as devidas clivagens entre dois tipos de discurso tão diferentemente estruturados, é-se, no entanto, sensível ao eco de toda esta literatura espiritual no discurso poético-religioso seu contemporâneo, que regista - obviamente que sempre nos limites da contingência e da especificidade do discurso da poesia -, pelo menos no que às lágrimas do Menino Jesus diz respeito, uma função de estímulo de conversão e de entendimento da natureza humana e divina do Filho de Deus.

É provável que as referências, ainda que sintéticas, às lágrimas do Deus Menino, acordassem nos leitores e nos ouvintes ecos de outros textos e de doutros discursos que, na sua globalidade, enformariam o mundo de referências do homem seiscentista. No caso da poesia religiosa de origem conventual, concretamente no caso dos vilancicos ao Nascimento de Soror Violante do Céu - cujo primeiro destinatário terá sido, com toda a probabilidade, as religiosas do seu convento - é natural que as consonâncias estabelecidas pelo leitor/ouvinte entre texto poético e texto espiritual fossem mais consistentes do que as sentidas por um público geral, mais alargado, mas menos preparado. Considere-se, por exemplo, os vilancicos cantados nas matinas do Natal e de Reis na Capela Real, por exemplo, mas onde, curiosamente, os autores evidenciam às vezes preocupações mais didácticas, através da opção por certos mecanismos do discurso poético, como o paralelismo, a gradação, etc..²²

Alguns textos, embora tragam para a sua superfície uma explícita referência ao choro do Menino Jesus, são, apesar de tudo, hinos de alegria e de exultação, que colocam a tónica na redenção e na alegria sentida pelo dia "que fez o Senhor".

²¹ Se algumas colecções de vilancicos de Natal nos chagaram anónimas, outras registam o seu autor. Veja-se, por exemplo, os *Vilancicos que se cantaron en las Matinas de Navidad; En el Convento de nuestra Señora de la Esperança*, Lisboa, Imprenta de Musica, 1720, cujo autor foi o Padre D. António Escarate.

²² Veja-se, por exemplo, o vilancico transcrito mais adiante, na p. 11: "que si florais me alegrais/ y despertais si dormis..."

Festejai na terra,
inda que Deus chore,
pois los Anjos cantan,
rifalá, fulijay, fulijay,
pois los Anjos cantan,
bem podem os homens.

.....
Nace Deus chorando,
ferido de amores

(...)

A terra folije
canten los pastores,
más suavemente
que los roxinoles.
Alégrense todos,
e o minino chore,

(...)

Alegrias façam
inda que ele chore,
pois los Anjos cantan,
bem podem os homens. (p. 24 - *Vil. Seisc.* (cantados no Natal de

1642))

Não é perverso, embora aparentemente possa parecê-lo, este incitamento ao canto e à alegria, perante o choro persistente e contínuo do Menino Jesus. Este incitamento, nas mesmas condições, repassa em muitos outros poemas:

Quando llorais mi Niño
todos se alegran

(...)

que oveja que estás perdida
buelves pastor al redil. (*Vilancicos dos Reis*, cantados perante

Afonso VI, 1659)

Ay que son sus ojuelos
Tan soberanos,

Que llorando transforman

En fuego el llanto. (*Violante do Céu - Parnaso. Lusitano*, p. 494)

Que cantaremos al niño,
Que está llorando de amor? (Violante do Céu - *Parn. Lusit.*, p. 391)

Embora os poemas não forneçam dados interpretativos mais concretos - não esqueçamos que se trata de uma forma de origem popular, mais descritiva do que analítica - parece-nos que, neste contexto, o choro adquire o valor de prefiguração da paixão redentora, que conduz sobretudo ao júbilo dos pastores, por se sentirem amados. A mesma ideia antecipadora da paixão sobressai de um vilancico de Soror Violante do Céu, ideia essa configurada na expressão paradoxal morte/vida, que atravessa toda a poesia desta religiosa:

Bien sé yo, que es forçoso
que llore, y pene,
porque siendo la vida
buscais la muerte (p. 491)

Ou ainda:

Paxarillo, que en nido de pajas
Oy llorais tierno,
Oh que bien cantarais en el arbol
Por mi remedio. (p. 487)

Outros vilancicos apresentam uma diferente modalização na apresentação e descrição das lágrimas do Menino. Eles perspectivam as lágrimas do ponto de vista do sujeito de enunciação e interpretam-nas como uma mensagem que é directa e individualmente dirigida a cada um, à sua consciência, ao seu coração:

Cielos, que vi que la risa llora por mí.
y más he visto
que entre glorias pena un niño!
(...)
Vestido el campo de flores
cuando Dios amanecía,
vi que la misma alegría
lloraba por mí de amores.
Entre penas y rigores,

vi glorias de mil en mil. (p. 50 - Vil. seiscentistas)²³

Mucho deve de quererme
pues llorando como niño
en un pezebre está puesto,
y expuesto al rigor del frio. (v. Céu, p. 483)

O vilancico que segue apresenta matizes ainda mais significativos:

Callad, mi Niño,
dormid, Señor,
Llorad, mi amor,
que si llorais me animais,
y arrebatáis si dormís,
y me advertís, si calláis.

Ay que Dios calla,
Dios duerme,
Dios llora,
y todo enamora.

Callad, mi Niño,
dormid, Señor,
Llorad, mi amor,
que si llorais me abrasáis,
y dilataís si dormís,
y reprimís si calláis.

(...)

Callad, mi Niño,
dormid, Señor,
Llorad, mi amor,
que si llorais me alegráis,
y despertáis si dormís,
y corrigís si calláis. (p. 26 - Vil. seiscentistas)²⁴

Note-se o léxico de natureza teológico-mística que acompanha o desenrolar do poema, ligado a um eu que dele se apropria:

- que si llorais me animais, arrebatáis, advertís

²³ As antíteses choro/friso, às vezes de exploração paradoxal, são também um elemento de enorme recursividade no tecido poético de XVII e sintetizam a alegria do amor que redime, conjugada com o sofrimento provocado pela paixão.

²⁴ Note-se a clara correspondência deste texto com o do Padre Diogo Monteiro acima transcrito: "Acodi a mim, que assi pobre vos enriquecerei, choroso, vos alegrarei; fraco, vos defenderei...".

- que si llorais me abrasais, dilatais, reprimis
- que si llorais me alegrais, despertais, corrigis.

De facto, a polarização de muitos destes poemas em torno de uma primeira pessoa, que organiza o que vê e o que descreve em termos da repercussão sobre a sua própria felicidade, é uma estratégia que permite entender a função das lágrimas do Menino e o sentido que lhes é atribuído. Às lágrimas aparece ligada uma mensagem de alegria e esperança (pois são lágrimas redentoras), mas também uma exigência pessoal de conversão, uma vez que elas se dirigem a cada um. Está-lhes ligada, duplamente, uma funcionalidade poética e doutrinal. Elas são metodológicas, resultantes do conhecimento profundo, por parte do recém-nascido Menino, da humanidade pecadora que veio redimir.

O chorar não constitui, na maior parte dos casos, uma expressão reportável à realidade isolada de Jesus, às suas idiossincrasias de ser humano, mas a uma atitude que se revela no *chorar por*, que, nalguns poemas, conhecerá uma amplificação de que adiante daremos conta. Ainda no século XVI, Diogo Bernardes dera tratamento a esta mesma temática das lágrimas do Menino Jesus, numas voltas a um mote alheio, e onde acentua precisamente a origem das lágrimas do Menino nos pecados dos homens, ao mesmo tempo que lhes atribui uma simbologia redentora:

Alheo

Un suspiro diò Maria,
 Por ver su Niño llorando:
 Quien tras el fuera bolando,
 Pera ver donde l'embia.

Voltas Minhas

Mas que digo que uno diò,
 Si tantos Maria dava,
 Como lagrimas llorava
 El Niño que la criò?
 Mil suspiros despedia
 Viendo el hijo estar llorando,
 Quien tras d'un fuera bolando
 Pera ver donde l'embia.
 (...)

De su pecho enternecido
La Madre sospira y llora,
Llora el Hijo, a quien adora,
Con tierno llanto y gemido.
Que no lloras, alma mia,
Tal prueba d'amor, mirando
El Niño por nós llorando
Por el sospira Maria. ²⁵

Noutras voltas, continua a mesma tónica:

Vejo-vos estar chorando,
Água d'or deve ser,
Cedo vos is costumando
A penar, e a soffrer:
Pois cá quisestes decer
Do seio do Eterno Pay,
Meu amor, como vos vai?²⁶

Alguns autores espirituais, entre os quais se insere Pedro Calvo, procuram acentuar essa dimensão da alteridade das lágrimas do Menino, atribuindo-lhes quase exclusivamente uma atitude redentora. Na *Defenção das Lágrimas*, afirma:

Pois, Senhor, como vosso amor se veste de tam diuersas figuras, ja triste, ja alegre, ja fraco, ja animoso, ja cantais, ja chorais?

Começa o Filho de Deos a mesclar suas alegrias com nossas tristezas, nam mudando-se em si, mas mostrando o que tomou de nos. (p. 54)

"(...) Mas Christo, como ja tinha entendimento, choraua não so por as penas do frio que quis abraçar, mas polla compaixão dos peccados dos filhos de Adam. Por onde suas tenras lagrymas ficarão tendo por causa mais o amor, que as procuraua, que a natureza que as sentia." (p. 74)

No poema em oitava rima que consagrou à infância de Cristo, editado pelas primeiras décadas do século XVII²⁷, Soror Maria de Mesquita

²⁵ Diogo BERNARDES, *Obras Completas (Redondilhas)*, (Com Prefácio e Notas do Prof. Marques Braga), vol. III, Lisboa, 1946, 32-33.

²⁶ *ibidem*

Pimentel, anota, em diversos momentos do poema, a atitude chorosa do Deus Menino, à qual concede uma interpretação que vai na linha da consideração de tais lágrimas como testemunhos e exteriorizações do infinito amor de Deus, que a todos chama e a todos redime:

Para remediar de Adam a offensa
 Padecendo o rigor do cruel frio
 Lançando estava lagrymas em fio. (Canto IV, p. 55)

Na corrente das perlas preciosas,
 Que a dor d'esta ferida lhe vertia,
 Brada Deos que lhe acuda hua alma fria:
 Com lagrimas dos olhos amorosas,
 Que dos mudos são língoas, lhe dizia:
 Vinde alma, que vos chamo cõ clamores,
 As primicias colher das minhas dores. (Canto V, p. 72)

Também do início do século XVII são algumas obras ao divino de Frei Álvaro de Hinojosa, publicadas no final do *Libro de la Vida Y Milagros de S. Ines*, obra editada em Braga, em 1611²⁸, que se reclamam, logo desde o título, de uma particular atenção dedicada às lágrimas do Menino Jesus. De facto, três vezes ocorre o mesmo título "A las lagrimas del niño Jesus puesto en el pesebre junto a la Virgen nuestra Señora", para três composições diferentes. Nas lágrimas dessas composições se traduz a incontinência do amor de Deus, ao mesmo tempo que se tomam essas lágrimas por indícios e prefigurações da paixão:

Vuestros amores, Señor
 sin duda os han de matar,
 pues que ya os hazen llorar.
 (...)
 Como en el pecho no os caben,
 os rebientan por los ojos,
 y os dan aquessos enojos,
 porque darlos sofo saben.

²⁷ Maria de Mesquita PIMENTEL, *Memorial da Infancia de Christo, e Triumpho do diuino Amor*. Primeira Parte, Lisboa, Jorge Rodrigues, 1639.

²⁸ Álvaro de HINOJOSA Y CARVAJAL, *Libro de la Vida y Milagros de S. Ines con otras varias obras a lo Diuino*. Compuesto por el P. F. Alvaro de Hinojosa, y Carvajal, Monge de S. Benito, Colegial Theologo en el Colegio de S. Benito de Coimbra en el Reyno de Portugal, Braga, Fructuoso Lourenço de Basto, 1611.

Caros os han de costar,
aunque sin duda morireys,
pues que ya os hazen llorar. (p. 174-175)

Ao citar Santo Ambrósio na *Defensão das Lágrimas ...*, Pedro Calvo retomava a tradição dos que, atribuindo numerosas lágrimas a Cristo, as explicam e utilizam em função do amor permanente de Cristo por cada um: "Por mim padece, de mim se compadece: em mim, & por mim se doe hum Senhor que não tinha em si de que se doesse" (do *De Fide*) (p. 60). A própria Igreja, refere Calvo, canta "vagit infans inter arcta conditus praesepia", isto é, "chora o menino nascido posto no estreito presépio" (p.71) e, reportando-se especificamente ao choro do Deus recém nascido, afirma, retomando S. Boaventura:

As gotas daquela celestial chuua das lagrimas de Christo quem as contarà? Quem podera numerar as do presepio, que enternecem hua alma, & enuergonhaõ um pecador. (p. 71 v.)

A consolidar esta hipótese das lágrimas não decorrerem de um sofrimento físico de Jesus, hipoteticamente resultante das dores físicas próprias dos recém-nascidos ou do frio e desconforto da gruta onde nascera, cita Pedro Calvo os pensamentos dos teólogos medievais (Sto Agostinho, S. Tomás, S. Bernardo), para quem a causa das lágrimas de Cristo é absoluta e unicamente voluntária:

Vindo pois a considerar as causas das lagrimas de Christo nosso Senhor, auemos de saber como nelle não teuerão lugar as nascidas so da força da natureza, mas todas nelle forão voluntarias. Nunca lhe cairã dos olhos, sem elle querer, mas por sua santa vontade primeiro o ordenar. (p. 72 v.)

Estas considerações em torno da origem e da natureza das lágrimas de Jesus repercute-se na poesia religiosa da altura, embora sem a vertente expositiva que atinge dos manuais. Num vilancico ao Nascimento, Soror Violante do Céu, utilizando a linguagem metaforizada do barroco, retirada

do foro da joalheria²⁹, mostra um Menino no presépio, oferecendo pérolas³⁰:

En rescato de los hombres,
perlas ofreciendo está,

sintetizando com este verbo e com esta periferástica não só o apelo permanente de Deus, como o lado voluntário do seu sacrifício subjacente ao lexema *oferecer*.

Pedro Calvo, citando o *Sermão do Natal* de S. Bernardo, procurou consolidar esta interpretação da finalidade das lágrimas do Menino:

He verdade que Christo chora, mas não como os outros meninos, ou, pera melhor dizer, não pella causa que obriga os mais a chorar. Nos outros [prevalecia] o sentido, em Christo preualecia o amor. Elles não obram, mas padecem, porque inda não tem vso de razão; chorão so molestados do frio, & outras incomodidades; mas Christo, como ja tinha entendimento, chorava não só por as penas do frio que quis abraçar, mas polla compaixão dos peccados dos filhos de Adam. (p. 74)

O vilancico que a seguir transcrevemos parece prolongar e transportar estas reflexões para o universo da poesia celebrativa do Nascimento, radicando a origem das lágrimas no amor, à semelhança do que acontece em variadíssimas composições:

Oy con piadosas ternuras
está llorando en Belen
al fuego de su clemencia
el humo de mi altivez.
Ciego el hombre de ignorancia
poe el ancia de saber,
quedó muy para llorado,
y aun para visto tambien.

(...)

Por una mançana lloira
la más ançiana Niñez,

²⁹ As pérolas e as pedrarias já aparecem nas representações dos místicos medievais, que o século XVII se comprazerá em retomar.

³⁰ O Padre Diogo Monteiro também representa Cristo com rubis e pérolas. Na sermonária, o Padre Mendonça segue os mesmos trilhos.

Y aun que es llanto por fruta
seguro el fruto se ve.

(Res. 190 da B.N.L. - *Vilancicos que se cantaram na Capela de Afonso VI, nas matinas dos Reis, Lx, Off. Craesbeeckiana, 1658*)

Soror Maria do Céu, também num género menor de coplas, atribuiu ao choro do Menino (motivo a que aliás não concede grandes tratamentos) a intenção de redimir o pecado de Adão:

El amor si ha reido,
porque en rigor,
vê por una maçana,
llorar un Dios. (p. 349- *Enganos do Bosque*)

Há uma ideia de salvação atribuída às lágrimas do Menino Jesus e que é poeticamente expressa na imagem do "derramar perlas":

Rie en el portal,
porque attendiò,
que quien derrama perlas,
pajas buscò. (p. 349 - *Enganos do Bosque*)

Se os textos doutriniais defendem e propõem que "todo o nosso bem está em entendermos que as causas das lágrimas de Cristo todas, tirada a de seu amor, estão em nós, e não nele" (p. 74, Pedro Calvo), não será com certeza ousado interpretar a recorrência poética do tema do Menino Jesus choroso e dos sentidos que reveste como um reflexo, prolongamento ou eco de toda esta doutrina espiritual.

A constatação de que se trata de um motivo de incidência preferencial em vilancicos do Nascimento ou dos Reis poderá consolidar esta hipótese e atribuir a este motivo uma intencionalidade doutrinal, catequética, formadora.

Embora pouco se tenha ainda estudado sobre o vilancico religioso, sabe-se, pelo menos, que ele beneficiou da associação entre o verso e a música. A "influência catalisadora nas classes sociais" facilitada por esse meio permitiu-lhe tornar-se, ao passar do plano profano em que originariamente se movimentara, para o eixo religioso para que o arrastaram

as modas das divinizações, um poderoso veículo de mensagem espiritual, ao serviço da ideologia formativa que marcou este século.³¹

A partir do século XVII, ao passar a movimentar-se também, apesar das suas raízes populares, num espaço cortês, sobretudo o da Capela Real, durante as Matinas de Natal e de Reis, o vilancico passou a constituir um meio privilegiado de acesso a uma população heterogénea e socialmente diferenciada, malgrado os estreitos parâmetros em que o encarceravam a sua forma e medida poética. Era perante a corte, mas assistidas também massivamente pelo povo, que se desenrolavam as celebrações litúrgicas do Natal na Capela Real, na Sé ou nos conventos mais importantes da cidade. Aí, a sua execução assumia uma dimensão litúrgica ou para litúrgica. Reforçava-se o ambiente festivo de exaltação do Nascimento e, paralelamente, através de uma linguagem e de uma temática de feição emotiva, suscitava-se a aproximação dos fiéis a Deus, sensibilizados pelo amor que as lágrimas do Menino impressivamente deviam traduzir:

Niño que lloras al frío
y das por rescate mío
las perlas, en que confío,
si aquese divino llanto
vale tanto,
que en una perla te das,
Si haya más, y así me redimirás.

(...)

Niño, Redemptor sagrado,
que mi rescate has librado
en tu llanto y tu cuidado,
y has hecho el concierto ahora,
llora, llora
y no te vuelvas atrás:
sí haya más, y así me redimirás. (p. 140-141 - *Vil. seiscentistas*)

E ainda:

Que amas las aguas que surcas
lo ha mostrado la experiencia,
pues en los ojos las traes,
y de mirarlas no dejas.

³¹ Refiramos os catecismos, a preocupação em formar catequistas, o inventário mais alargado das verdades mínimas de fé conhecidas pelos fiéis, etc.

No son tus corrientes mudas,
aunque en silencio las vean,
porque murmuran mis culpas
y pregonan tus finezas.

(...)

Son tus lágrimas lenguas
por que publican,
sin romper el silencio,
tus maravillas.

(...)

En dos polos se estriban
hoy tus finezas,
que son llorar mis culpas
y sufrir penas.

No me admira tu llanto
ser vivo fuego,
que aunque está en los ojos
sale del pecho (...)

(p. 170-171 - *Vil. Seiscentistas*)

Trata-se provavelmente de lágrimas destinadas a arrastar outras lágrimas: as do leitor, do ouvinte, da religiosa ... São lágrimas que ressaltam de uma metodologia já longa na tradição dos escritores espirituais e dos teólogos e místicos.

A importância das lágrimas já fora salientada pelos padres gregos (Santo Atanásio, por exemplo), defensores do *penthos* das lágrimas. Assim sendo, as lágrimas do Menino Jesus deveriam suscitar as lágrimas do pecador, pois são-lhe dirigidas, são perspectivadas como mensagem pelo sujeito poético e, conseqüentemente, esperaríamos uma resposta. A este propósito, parece-nos particularmente significativo um vilancico de Violante do Céu, que transcrevemos em parte, não só por se poder considerar como paradigmático desta função libertadora das lágrimas de Jesus, como também pela singeleza que o caracteriza e que lhe concede um certo valor literário. Intitula-se "Al Niño Jesus llorando una alma por el":

Fuentezilla, que preza de yelo
Murmuras del tiempo, horas tu prizion,
rompe los grillos, desata la nieve,
salta, corre, buela, camina veloz
que los rayos del Sol, que ha nascido,
abrazan al yelo, suspenden al sol.

(...)

Si al niño que perlas llora,
 tributo quieres pagar,
 rizueña puedes llegar,
 pero nó murmuradora:
 será tu riza canora
 dulce tributo de amor;
 y si a ver tanto esplendor
 tu mudo cristal se atreve,
 rompe los grillos, desata la nieve....

As lágrimas de Jesus aguardam pois uma resposta da alma, reconfortada por saber-se salva.

O pecador, movido pela compunção resultante das emoções perturbadoras que lhe adviriam da consideração e contemplação do presépio, calcorreia assim, pelo dom das lágrimas, os primeiros graus da vida espiritual.³²

Meu amor, meu querido menino,
 quem não ha de amar
 Essa luz, essa graça divina
 com que me matais?
 Desses olhos, que estão derramando
 líquido cristal,
 todo o sol he hum atomo breve
 se os quer imitar.
 Rayos são, que me abraçam de amores
 vossos olhos, ay! (p. 441- Violante)

Que nó sé si llore o ría
 Viendos llorar, y reír. (V. Céu - *Parn. Lusit.*, p. 393)

O enternecimento pelas lágrimas do Menino Jesus deveria suscitar, ainda que, numa primeira instância, de modo pouco interiorizado, a empatia com Deus Menino e permitiria uma aproximação a Deus, através de uma terna devoção à humanidade de Cristo.

³² Cf. EVRAGE: "Reza primeiro a fim de receberes o dom das lágrimas, para amoleceres, pela compunção, a dureza inerente à tua alma e, confessando contra ti a tua iniquidade ao Senhor, obteres d'Ele o perdão" (citação extraída do artigo *Larmes*, in *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique. Doctrine et Histoire*, Paris, 1937-76, 204).

Y veros en un pezebre
desnudo, pobre, lloroso
entre animales grosseros,
entre zagalejos toscos
tantos enojos me causan,
que con amantes enojos,
por veros divino canto,
por veros humano lloro. (Violante do Céu - *Parn. Lusit.*, p. 403)

Por isso, noutro vilancico de Violante do Céu, descrevendo-se a atitude das pastoras que adoram o Menino, refere-se também a reacção de choro que tiveram ao contemplá-lo:

Devidamente unidas
en amorosos afectos,
unas cantan a lo dulce,
otras lloran a lo tierno. (p. 457)

As lágrimas, interpretadas como fineza do amor de Deus, seriam um apelo à conversão e à caridade. Mas o sujeito poético manifesta, nalguns poemas, a consciência da dificuldade em dar resposta a esse Deus que o interpela:

LLora el amor, diciendo en su gemido,
Que de su proprio harpon se siente herido;
Y en la suave, atractiva, dulce llama
un ay pretende, de la vida, que ama:
Mas ay dolor! que en la mortal fiereza,
No encuentra, no, el alivio su fineza.

(Res. 199 da B.N.L. - *Matinas de Natal, no Convento de Nossa Sr^a da Esperança*, Lx, Imprensa de Musica, 1720)

Mas lo que de aquesto infiero,
es que reís, y llorais;
Reís, porque me buscaís,
llorais porque más no os quiero (p. 393 - *Parn. Lusit.*)

Noutras alturas, no entanto, a força e o impacto do choro do Menino - que se suspeita abundante - quase forçam a adesão da alma a Cristo e a sua conversão:

Quando os miro, Señor mío,
en un lugar tan improprio,
toda el alma salir quiere
desatada por los ojos (p. 402 - *Parn. Lusit.*)

Favor, favor, favor, piedad, socorro,
que me quita la vida
veros lloroso. (p. 403)

Hagamos pazes eternas(...)
para que no llore tanto.
Eya seamos amigos
Deponga, deponga el llanto (p. 382 *Parn. Lusit.*)

As lágrimas do Menino, como temos vindo a ver, exteriorizam um sofrimento psicológico mais do que físico, que se poderia, talvez, abusivamente inserir nas "dores mentais" de Cristo, nas dores da sua alma (já que Nascimento e Paixão se entrelaçam tão estreitamente, na celebração destes mistérios, sobretudo ao longo do século XVII). É no âmbito de uma profunda tristeza pelos pecados dos homens e pelo conhecimento divino da resistência destes aos apelos concretos de conversão e salvação na Encarnação que se explicam, talvez, algumas das ocorrências do motivo das lágrimas do Menino Jesus nestas poesias religiosas, de que o poema acima transcrito é testemunho. Parece tratar-se de mais um vector da espiritualidade das dores, de grande fortuna a partir, sobretudo, do século XVI, e que começa a aparecer ligada ao modo de orar, atingindo, nalguns ambientes, particular eficácia.

Lágrimas são, assim, sinal exterior do amor de Deus à humanidade que vinha redimir. Focalizadas em *leit-motiv* da poesia celebrativa da Natividade, elas adquirem um funcionamento particular: acentuam o sofrimento de Cristo pelos nossos pecados, facto que, na conjuntura da evocação do presépio, e de um recém-nascido - malgrado a desvalorização da infância que perdurou até ao século XVIII - parecia particularmente susceptível de mover os fiéis ao arrependimento, pela via da comoção e do enternecimento.

A recriação poética do presépio e das atitudes do Menino Jesus funcionam, nalguma desta poesia tão marcada pelo descritivo, como um prolongamento, ainda que grosseiro, da técnica da composição do lugar desenvolvida por Santo Inácio (mas cuja origem se pode situar talvez no

pseudo Boaventura) e de que a obra do Padre Diogo Monteiro se fez eco. Esta metodologia é proposta individualmente ao exercitante - e recordemos que a prática dos exercícios espirituais teve largo uso nos mosteiros femininos - extrai da contemplação da vida de Cristo ensinamentos pessoais que lhe permitem ascender na escala da vida espiritual até à contemplação *ad amorem*.

Foi já referida a centralização pessoal que é feita da representação do presépio, nestes vilancicos. Por este procedimento, as lágrimas do Menino não se dirigem, na sua globalidade, aos homens em geral - embora isso também aconteça nalguns vilancicos estudados - mas são vistas preferentemente como mensagens enviadas individualmente ao sujeito de enunciação. Embora em alguns casos elas sejam entendidas numa recepção plural, é normalmente em função de um sujeito poético individuado que se processa a recriação das atitudes do Menino Jesus no presépio, onde se inserem, obviamente, as lágrimas. O poema de Baltasar Estaço³³, editado em 1604 poderá ilustrar essa perspectiva:

Glosa

As lagrymas do Minino Jesu

Mote

Los ojos de gloria llenos
Lloran ya mis culpas, Bras
Ni yo pude pedir más,
Ni a mi mal bastará menos.

Solo el amor que hizo guerra
A Dios por nuestro consuelo
Baxando de cielo al suelo
Junta el cielo con la tierra.
Sube la tierra hasta el cielo.
Solo este amor ordena
En estes campos terrenos,
Do el mas se ha hecho menos,
Que estean llenos de pena,
Los ojos de gloria llenos.

³³ Baltasar ESTAÇO, *Sonetos, Canções e Eglogas e outras Rimas*, Coimbra, Oficina de Diogo Gomez Loureiro, 1604, 186

Ojos que son los primeros,
 Que de amor tienen la palma,
 Ojos del alma luzeros,
 Ojos que son mensajeros
 De los amores del alma,
 Ojos que manifestaron
 Al mundo la gloria, y paz,
 Ojos que siempre me amaron,
 Ojos que nunca lloraron,
 Lloran ya mis culpas, Bras.

Las agoas de ojos tan pios
 Son remedios, y desculpas
 De mis torpes desvarios
 Que aunque son agoas de rios
 Ahogan mares de culpas.
 Como fue la agoa capas
 De que estan los ojos llenos
 De gracia, de gloria, y paz,
 Ni Dios me quizo dar menos
 Ni yo pude pedir mas.

Que aunque sea verdad,
 Que fue la agoa finita,
 Me viendo la cantidad
 Por su alta calidad
 Pudo dar gloria infinita.
 Y pues mi hizieron capas
 Los ojos de gloria llenos
 De Dios, de gloria, y de paz,
 Ni Dios me quizo dar mas
 Ni a mi mal bastará menos.

Baltasar Estaço- Edição de 1604

Através desste poema - onde, curiosamente, nunca se diz claramente que as lágrimas são do Menino Jesus, a não ser no título³⁴ -, Estaço faz ressaltar a decorrência do tema das lágrimas do Menino do tema

³⁴ Tratando-se de um poema editado ainda em vida do autor, é natural que o título seja de sua responsabilidade.

do seu olhar. Através da intensificação emotiva resultante de uma estruturação anafórica da estrofe e de outros paralelismos vários, o poema sublinha, por uma sintetização de que só o discurso poético é capaz, os conteúdos retidos desta figuração chorosa do Menino Jesus, mas reportando sempre aos olhos essas lágrimas.

Há, de facto, que explorar também, noutro local, o veio da temática do olhar do Menino, de que as lágrimas poderão ser uma expansão ou uma particularização e que aparece, por exemplo, em D. Francisco Manuel de Melo, que todavia faz silêncio sobre a presença das lágrimas em tais olhos.³⁵ Aliás, a poetisa Violante do Céu atribui ao olhar do Menino Jesus um dos traços mais importantes da sua representação. Prolongando a convicção renascentista de que o amor entra pelos olhos e também a temática cancioneril que radicou no olhar a sede do amor e que lhe atribuiu efeitos paradoxais de morte e vida, Violante do Céu faz dos olhos do Menino Jesus um motivo poético-religioso de considerável impacto na sua obra. Dele decorrem os principais sentidos e mensagens emanadas do presépio: amor, conversão, alegria, salvação, redenção, libertação, etc.

Pues con sus ojos
Quando a todos liberta,
Cautiva a todos (p. 380)

Ou ainda:

En lo breve de un portal
Vi, pastores, un zagal,
Cuyos ojos soberanos
Teniendo forma de humanos
Parecen soles divinos.
Mirad, si son peregrinos,
Mirad, si son amorosos,
Pues con rayos luminosos
Toda el alma me abrazaron,
Y de suerte me miraron,
Que perdi la vida en ellos;
Mas ay, que en ojos tan bellos
Ganada quedó mi vida,
Quando por amor perdida,

³⁵ Referimo-nos à poesia "Os vossos olhos, Menino/ andam a mercar na praça...", Mote XVII de *As Segundas Três Musas*.

Quando por amor ganada;
Pues el alma enamorada
Vivir quiere en estes ojos (...)

(Violante do Céu - *Parn. Lusit.*, pp. 424-

425)

As lágrimas decorrem talvez, em Violante do Céu, de uma espécie de devoção mais geral ao olhar do Menino Jesus:

Ay que son sus ojuelos
tan soberanos,
que llorando transforman
en fuego el llanto (p. 494)

El es (dueño de mis ojos)
aquel leon, aquel bravo,
que se mostró tan entero
por un precepto quebrado? (p. 381)

Retomando o poema de Estaço, as lágrimas funcionam aí, uma vez mais, como prefiguração da paixão, lida no *ya*, mas também como cumplicidade salvífica de Deus, poia a *ya* pode atribuir-se a ideia da projecção da Encarnação no devir histórico. A já várias vezes referida apropriação das lágrimas do Menino por uma forma pronominal de primeira pessoa (*mis, yo*, etc.) situa a redenção no seu contexto histórico efectivo, mas projecta-a também no devir temporal, presentificando-a em cada um, em cada tempo: "lloran ya mis culpas, Bras".

Estas poesias traduzem assim uma influência nítida dos métodos da contemplação e oração metódica em vigor na altura e que consistiam em considerar aspectos concretos da vida de Jesus, transportando-se mentalmente o exercitante para a lapa ou para o horto e, pela força da vontade e da imaginação, supor que aí se encontrava presente, para que, com maior intensidade, perceba a intemporalidade da Encarnação e da Redenção e experimente a sensação da responsabilidade individual pelo sacrificio de Cristo. A *Arte de Orar* constitui um ensinamento claro nesse sentido.

Assim sendo, o verdadeiro motor das lágrimas divinas é o amor de Deus, o estímulo do amor divino, às vezes metaforizado em setas, por influência pagã³⁶:

Este niño, que nasce
vertiendo perlas,
Ay, Jesus, que mirando
Riendo, y llorando,
Me atira flechas. (Violante do Céu - *Parn. Lusit.*, p. 368)

No universo da poesia religiosa, é a amizade com Deus que este choro pretende alcançar da alma humana:

Pues porque estemos amigos
como niño está llorando. (p. 381)

Que cantaremos al niño,
que está llorando de amor? (p. 391)

Ay, que sus lagrimas tiernas
son en dividida union
si para los ojos agua
fuego para el corazón. (p. 337)

As lágrimas exprimem, acima de tudo, comunicação, no silêncio, que só atingirá a universalidade pretendida no sacramento eucarístico: ·

Mas si llorais porque veis
que de vuestra Encarnacion
el mundo todo no goza
y os mira en carne, Señor.
No lloreis, que otro misterio Igual en la perfection
Os hará comunicable
A los que nos os miren oy. (Violante do Céu - *Parn. Lusit.*, p. 333)

A adesão da alma, a amizade com Deus, a expectativa de uma resposta são tónicas geradas pelas lágrimas nestas poesias e que não

³⁶ Note-se no entanto a transformação exercida sobre a seta pagã, lançada cegamente. Neste contexto do amor divino, não se trata do amor cego, mas do amor que vê (*ay Jesus, que mirando* ...), representando o olhar e a seta lançada manifestações do amor divino fundamentado na eleição.

parecem estranhas às metodologias da perfeição e maturidade de vida espiritual, concretamente à teoria das três vias.

A teoria das três vias espirituais - resultado de uma progressiva e lenta evolução da prática da oração metódica a que os místicos da Idade Média deram particular relevância - encontrou uma síntese elaborada em S. Boaventura. Pela via purgativa, a alma converte-se e purifica-se das suas faltas; na via iluminativa, é iluminada sobre Deus, sobre Cristo e sobre ela própria e esforça-se por imitar o Salvador. A via unitiva, de difícil alcance, permite, depois das escaladas pelas duas vias anteriores, alcançar a união com Deus.

Ora não estarão alguns objectivos das lágrimas do Menino Jesus vocacionados para esta escalada na vida espiritual, mesmo quando assumem uma formulação poética ou sintética? Não esqueçamos que nem só o povo era o destinatário destes textos poéticos e que, muitas vezes, como no caso dos inúmeros vilancicos produzidos por Soror Violante do Céu no Mosteiro da Rosa, o destinatário mais imediato eram as religiosas, familiarizadas desde há muito com esta hipotética mensagem e proposta de escalada de vida espiritual. Assim sendo, o lado incipiente e meramente alusivo desta proposta, a que o vilancico estava condicionado, seria amplamente entendido e encontraria ecos de real dimensão no coração das religiosas. Lembremos também os vilancicos cantados nas matinas dos Reis no Mosteiro da Esperança, também de religiosas, e de que transcrevemos um texto neste trabalho.

No final da Idade Média, a consolidação do que costuma chamar-se a oração metódica, lançando mão de fontes franciscanas - o *De Triplici Via* de S. Boaventura, e sobretudo do Pseudo Boaventura - e de outras que tanto devem a essa corrente, como o *De Vita Christi*, recomendava sobretudo a meditação na paixão de Cristo, mas a contemplação da sua humanidade na Encarnação foi um motivo que se foi progressivamente impondo, como já oportunamente referimos. No entanto, fomos-nos apercebendo, enquanto procedíamos a esta pesquisa dos textos da Natividade, que a paixão de Cristo teve, no domínio literário, um tratamento mais nobre, configurado em formas poéticas como o soneto, por exemplo, molde onde nunca encontramos o motivo das lágrimas.

A recuperação do motivo das lágrimas do Menino Jesus por alguns autores espirituais do século XVIII, como por exemplo Alexandre de Gusmão³⁷ na *Escola de Belém*, insere claramente as lágrimas do Menino nesse método das três vias, facilitando ao leitor a progressão pelas três vias,

³⁷ Alexandre de GUSMÃO, *Escola de Belém. Jesus Nascido no Presépio*, Évora, Oficina da Universidade, 1735.

e não apenas pelas duas primeiras, como poderíamos supor. A *Escola de Belém*, editada em 1735 em Évora, em data algo posterior a bastantes das composições aqui citadas, pode todavia ser útil como barómetro da sensibilidade da época anterior à sua redacção e edição. Nesta obra de Alexandre de Gusmão, os ensinamentos de Jesus pelas suas lágrimas infantis (como pelas suas palhas, panos, frio, etc.) persistem e desenrolam-se ao longo das três vias a que a estrutura da obra obedece:

Em tres classes se reparte a Escola de Belem; porque em tres partes se divide a Sciencia do Ceo, que nella se ensina. A primeira classe se chama Vida Purgativa; a segunda, Vida Illuminativa; a terceira Vida Unitiva. (p. 3 - Proemio)

Sobre todos os documentos de penitencia, que este Menino Mestre nos ensinou no seu Presepio, foi o das suas lagrimas, que chorou como os demais meninos, porque nellas nos ensina a chorar nossos peccados, & a emmendar nossas vidas (p. 113 - Classe dos Incipientes da Via Espiritual - Livro II)

E se com atenção pozermos os olhos tambem no cristal corrente das lagrimas, que chora, no cristalino dellas veremos o exemplar de nossa nova vida, & na corrente beberemos os espiritos de nossa renovação; porque ellas são o diluvio, com que o mundo se renovou (...) (p. 230 - Classe da Via Illuminativa - Livro III)

O segundo documento de amor, que este Menino nos ensina, são as lagrimas, que como Menino chora. São os olhos a boca por onde o amor falla, são as lagrimas as vozes por onde o coração se explica. Chorando nasce este Menino, porque de nenhum outro modo pode explicar melhor seu amor (...) Tambem chora este Sol, porque as lagrimas que chora são rayos, que despede para nos abraçar em seu amor. (p. 282-283 - Classe da Via Unitiva - Livro IV)

Trata-se de exortações e comentários que, se vêm na esteira dos autores anteriores e fixam elementos que, a nível poético, vinham tendo germinação desde havia várias décadas, são, agora, elaborados num quadro teórico da "ars orandi" e elevados, assim, à categoria de agentes afectivos da "escada mística". Até certo ponto, poderíamos pensar, utilizando uma divisão que tão cara foi à Companhia de Jesus, propagadora das aspirações, que, no primeiro caso, as lágrimas são manifestações dos *gemitus*, no

segundo, dos *vota* e no terceiro dos *suspiria*..., itinerário tantas vezes ilustrado pela literatura emblemática de raiz jesuítica.

O rastreio do tema não pode obviamente estender-se indefinidamente, nem de tal se compadeceriam os limites de um trabalho como este. No entanto, refira-se ainda que o tema poético do olhar do Menino Jesus e das suas lágrimas foi uma realidade peninsular, tendo conhecido, em Espanha como em Portugal, um tratamento bastante privilegiado. Ubeda, Miguel Toledano, Alonso de Bonilla são alguns autores que lhe foram particularmente sensíveis. Este último autor, por exemplo, em *Nombres Y Atributos de la Virgen*³⁸, compôs algumas redondilhas às lágrimas do Menino e ao Menino no presépio, onde o motivo das lágrimas aparece claramente ao serviço dos vectores semânticos já apontados como dominantes para a generalidade da poesia portuguesa. As lágrimas da sua poesia configuram a humanidade de Cristo,

Nace Dios, un Daudid hecho,
pues sin serlo en el pecar,
por parecerle en llorar
con lagrimas riega el lecho (...)

Bonilla - *Nombres Y atributos*, p. 42 v.)

mas desembocam também, com maior cabedal, no eixo semântico-teológico das lágrimas do crucificado por amor dos homens, prefiguradoras da sua paixão e estímulo de penitência e contrição para o pecador:

Dios llora los desvarios
(alma) que cometeys vos,
que de los ojos de Dios
nuestras vidas son los rios. (*ibidem*, p. 42-43)

Con ojos de compassion
llora Dios, por penetrar
los pocos que han de llorar
con ojos de contricion.
Y como espera el Cordero
un baño de sangre darse,
en agua quiere bañarse,
por ensayarse primero. (*ibidem*, p. 43)

³⁸ Alonso de BONILLA, *Nombres Y Atributos de la Impecable Siempre Virgen Maria Señora Nuestra. En Octauas. Con Otras Rimas A Diversos Assumptos, Y Glossas dificiles*, Barça, 1624.

Se concluirmos pela sintonia verificada entre a poesia religiosa ao Nascimento e algumas orientações e propostas espirituais em vigor nos séculos XVII e XVIII, somos levados a compaginar estas figurações poéticas das lágrimas com a funcionalidade geral do presépio, na vida de oração.

De facto, a poesia religiosa portuguesa destes séculos acolheu a vitalidade do presépio nas suas linhas estruturantes, reflectindo-o várias vezes como "escola".³⁹

A frequência com que a temática das lágrimas ocorre na poesia celebrativa e devota dos séculos XVII e XVIII, ombreado com as exortações dos manuais, suscitam-nos algumas interrogações. Será possível supor que se trata de mais do que de um simples motivo? Estaremos perante indícios de uma prática devocional à qual, como acontece aliás na origem de todas as devoções, se reconheceu na altura, um certo mérito, como forma de serviço e de aproximação a Deus? Mesmo tratando-se de uma devoção não dogmática e até mesmo efémera, esta devoção às lágrimas do Menino Jesus não deixaria de se inscrever no plano da criatividade e da interioridade que determinam a resposta variável do homem à relação com Deus, revelando-se apta à conformidade com Cristo. É possível, talvez, que a atribuição de lágrimas ao Menino Jesus expresse uma certa concepção das relações homem-Deus e Deus-homem e possa constituir uma representação do estímulo do amor divino que favoreça e amplifique a piedade e o enorme complexo afectivo que cada devoção constitui e implica.

Através das lágrimas, perspectivadas às vezes nestas poesias como "retórica do silêncio"⁴⁰, a poesia religiosa procura, didacticamente, explorar o valor da mensagem de conversão que lhes subjaz.

³⁹ O vilancico XLV ao Nascimento, de Soror Violante do Céu, por exemplo, assinala com particular expressividade o vitalismo doutrinal a que podia ascender a representação poética do presépio. Logo desde os primeiros versos, a religiosa assinala a sua funcionalidade na vida espiritual, apresentando-o, desde as primeiras linhas, como escola e como lição.

Zagalas, vamos saber
A melhor arte de amar,
Pois na escolla d'hum presepio
Hum Mestre divino está. (*Parn. Lusit.*, pp.429-430)

A mesma imagem do presépio se constrói no vilancico LXXI ao Nascimento:

Un pezebre es escuela,
Onde este niño
Dá liciones a todos
De un amor fino. (p. 495-498 - *Parn. Lusit.*)

⁴⁰

Son tus lágrimas lenguas
por que publican,
sin romper el silencio,

Aproximando o final destas linhas, urge tentar uma explicação para a vitalidade desta temática das lágrimas do Menino Jesus na poesia religiosa e nos manuais de vida espiritual de seiscentos e setecentos.

Se é possível datar a origem desta temática no mundo espiritual europeu, remontando-a aos Padres da Igreja, torna-se necessário entender as razões para o seu acentuar, ocorrido ao longo dos séculos XVII e XVIII.

A humanidade crucificada, que a vida de piedade acolheu com facilidade, parece ter-se desenvolvido numa variação que se dirige, a partir sobretudo do século XVI - embora com manchas de expansão ao longo da Idade Média, como vimos - para a atenção à humanidade na Infância. As lágrimas do Menino, quer acentuem a humanidade de Jesus, quer façam realçar a sua acção redentora ou o seu estímulo de conversão, ganham impacto por resultarem da humanidade frágil e indefesa de um menino, que deste modo se afirma como modelo, pela acção do contraste entre a força do amor de Deus e a fragilidade do Menino encarnado. É possível que este modelo de fragilidade surja como resposta às posturas desviantes dos Reformados, que não meditavam a infância de Deus.

Se atendermos ainda a que as lágrimas do Menino Jesus enfatizam a dor de Deus pelos pecados dos homens e a que a arte de Trento desenvolve uma temática dolorosa, talvez se possa encontrar, na conjugação destes factores, uma tentativa de explicação para a fortuna das lágrimas do Deus Menino, na poesia destes séculos.

Referimos várias vezes os autores espirituais, como uma proposta para se entender a funcionalidade das lágrimas na representação poética do presépio, através da amostragem de um reverso de medalha.

Não se pense, no entanto, que as elaborações poéticas que se fizeram a partir dos ensinamentos e directrizes dos autores espirituais antigos e medievais que referimos remontam, apenas, a séculos mais recentes, como o XVI ou o XVII. Ainda em plena Idade Média, já S. Boaventura elaborara em verso, numa linguagem afectuosa e eivada de ingenuidade, esta temática das lágrimas do Menino Jesus, num poema que, por pouco conhecido, não queremos deixar de referir e que é transcrito por Alexandre de Gusmão na *Escola de Belém*.⁴¹

tus maravillas. (*Vil. Seisc.*, 171)

⁴¹ Apenas a título de testemunho desta temática em séculos mais recuados, transcrevemos apenas alguns excertos do poema em causa:

Feliz, quem lambera
Os pés, & as mãosinhas,
E as lagrimasinhas
Vo-las detivera.
(...)
Ay, pois não convem,

Foi no vilancico que esta temática que pesquisámos encontrou preferencial expressão. Pela contingência da sua forma/fôrma poética, este género não representa de modo algum o género ou o espaço privilegiado para grandes explorações retóricas ou sínteses teológicas ou doutrinárias. Por isso, serão sempre frágeis, embora possíveis, as conclusões que ao longo destas páginas procurámos tirar.

Apesar de tudo, se os textos analisados, sobretudo os vilancicos, parecem estabelecer, pelo menos no que ao motivo das lágrimas do Menino Jesus diz respeito, uma estreita relação com a malha textual de muitos textos de espiritualidade da altura - manuais de arte de orar, parenética... -, funcionando como ecos ou extensões das suas afirmações e dos seus conteúdos, seria interessante, algum dia, pensar quanto a popularização do tema obrigou a tratadística a retomá-lo e a fixar-lhe os quadros de desenvolvimento. Nos séculos XVII e XVIII, em Portugal e no contexto da Península Ibérica, este motivo das lágrimas do Menino Jesus aparece, pois, como um ponto situado algures entre a doutrina e a poesia, numa síntese de difícil balanço destas duas realidades.

Isabel Morujão

Summary: *In Portuguese religious lyrics, the Holly Infant's tears are a poetic motive with a large impact, especially since the late 16th century. Following a scanning of the main authors who have dealt with this subject, an attempt is made to outline the main semantic-theological vectors of the motive. The connections between this poetic-religious discourse and some kinds of spiritual prose (ars orandi, sermons, meditations) are then underlined, with a particular incidence on the close and interactive dialogue involving these diverse textual modes.*

